



A percepção ambiental de frequentadores do Parque Ponte dos Bilhares em Manaus – AM

Larissa Ferreira Pereira ¹
Susy Rodrigues Simonetti ²

Resumo: O objetivo geral deste estudo foi investigar a percepção ambiental dos frequentadores do Parque Ponte dos Bilhares, em Manaus. Em suas especificidades, investigou-se também o uso do espaço do parque pelos seus frequentadores, identificou-se a conduta ambiental dos mesmos e, por fim, elencaram-se danos ou problemas que eles acreditam causar ao parque. Por meio de uma entrevista com os frequentadores, os resultados da pesquisa, cuja abordagem é qualitativa, permitem entender a relação topofílica estabelecida entre os entrevistados e o espaço investigado, podendo fornecer subsídios para sua conservação e sustentabilidade. Espaços como o Parque Ponte dos Bilhares são importantes áreas de lazer para a população de Manaus, por outro lado, necessita de manutenção constante de seus equipamentos bem como cumprir sua função promovendo atividades de educação ambiental aos seus frequentadores.

Palavras-chave: Espaço urbano; Parque; Percepção ambiental.

¹ Acadêmica do 8º Período do Curso de Turismo da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas – FAPEAM. E-mail: lariissaferreira_@hotmail.com.

² Bacharel em Turismo. Professora da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (PPGCASA/UFAM). (UEA). Doutoranda do PPGCASA/UFAM. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas – FAPEAM. E-mail: susysimonetti@hotmail.com.



Introdução

O ritmo acelerado da vida cotidiana, o trânsito, a violência, a poluição, o excesso de asfalto e concreto fazem com que a vida nos grandes centros seja cada vez mais estressante e, até mesmo, perigosa. A busca por ambientes naturais tem aumentado bastante nos últimos anos. No entanto, ainda é reduzido o número de pessoas que têm recursos financeiros e tempo para viajar e entrar em contato com um ambiente natural, longe dos grandes centros urbanos.

Uma alternativa a esta situação são as descontinuidades de ocupação no tecido urbano, ou seja, criar áreas verdes nas cidades. As grandes ou pequenas áreas verdes podem ser parques municipais ou similares e jardins, praças ou parques lineares ao longo de fundos de vales urbanizados, respectivamente. Tais áreas tornam-se muito importantes, pois são elas que permitem a preservação de parte significativa da paisagem natural, original ou recomposta, a manutenção do valor estético ou científico, a renovação do ar, facilitam o contato direto entre os indivíduos e o ambiente, incorporando a função de áreas para exercício físico e caminhada, entre muitas outras funções.

A necessidade de compreender a relação homem-natureza, questões urbanas e o meio ambiente, nos leva a investigar meios e buscar estratégias para que se possa diagnosticar a percepção que a sociedade tem do ambiente em que está inserida. A percepção ambiental estabelece os vínculos afetivos do indivíduo com o ambiente vivido por meio das imagens percebidas e seus significados, as sensações, as impressões e os laços afetivos aí construídos.

Mediante o exposto, percebe-se que as questões urbanas e ambientais necessitam ser tratadas com maior detalhamento e proximidade, haja vista a arborização precária nas periferias urbanas e a falta de espaços para o lazer e a recreação, especificamente na cidade Manaus. Nesse sentido, este estudo buscou investigar a percepção ambiental dos frequentadores do Parque Ponte dos Bilhares (PPB), elegendo-o como *locus* do estudo.

O referido parque foi selecionado por ser um parque urbano localizado em Manaus que já se consolidou como um dos principais pontos de encontro e espaço cultural e de lazer da cidade. Além das funções ambientais, sociais, de lazer, culturais, psicológicas, históricas,



entre outras, as atividades nele desenvolvidas contribuem para uma melhor condição de vida de quem o frequenta. Dessa forma, ele foi escolhido como *lócus* de estudo, proporcionando relevantes fundamentos para o estudo dos parques urbanos de Manaus, assim como acrescentou conhecimento acadêmico acerca das áreas verdes da cidade.

Tratou-se de um estudo exploratório-descritivo, que teve por objetivo geral investigar a percepção ambiental de frequentadores do PPB e que também buscou verificar o uso dos espaços do parque, a conduta ambiental de quem o frequenta e, elencar danos ou problemas que os frequentadores acreditam causar ao mesmo. Para isto, foram feitas entrevistas semi-estruturadas e, em alguns casos, solicitação de justificativas para as respostas apresentadas. Os respondentes foram 50 frequentadores que se encontravam no local, com idade acima de 18 anos, incluindo alguns indivíduos que trabalhavam nos bares e lanchonetes do parque, escolhidos aleatoriamente.

Espera-se contribuir para a gestão ambiental do parque agregando conhecimento por meio do fornecimento de dados que investigaram a percepção dos frequentadores acerca de como estes utilizam os espaços do PPB, os problemas de ordem ambiental que o parque enfrenta bem como serviços/equipamentos que gostariam que o parque disponibilizasse.

Acredita-se que este estudo pode ser utilizado na elaboração de projetos de melhoria do PPB e também no planejamento do outros parques urbanos. O planejamento destaca-se como fator fundamental do desenvolvimento e gestão ambiental desses espaços, os quais estão condicionados às políticas públicas estabelecidas para o município ou região, devendo estar em sintonia com as necessidades da sociedade civil local.

Tais discussões também possibilitarão o debate em fóruns regionais, nacionais e internacionais tendo em vista que os seres humanos estão constantemente recebendo estímulos do ambiente e não há ambiente físico destituído das dimensões social, cultural, espiritual, política etc.

Parques Urbanos

Os parques urbanos, do modo que conhecemos hoje, tiveram origem no século XIX,



quando se determinou que os parques europeus passassem a atender às necessidades das massas das metrópoles. É interessante observar que esses parques, naquela época, já estavam relacionados à busca de alternativas para os problemas urbanos. Nucci (2001, p.180) afirma que tais espaços “devem ser livres de monotonia e isentos das dificuldades de espaço e angústia das aglomerações urbanas”.

Os parques urbanos constituem espaços livres públicos de lazer, com predominância de elementos estéticos e agradáveis, destinados à recreação, ao lazer e à conservação da natureza. A ideia da importância dos parques para a saúde pública e mental é muito consolidada. O símbolo principal que se desenvolveu em torno dos parques foi o de grandes espaços que poderiam aliviar os problemas da cidade e romper a situação citadina de estresse. E de fato, os parques implantados na Europa e nos Estados Unidos tiveram esse papel. Eram, também, espaços de descanso que compensariam as horas de trabalho, por horas de ócio, e é nesta perspectiva que os parques poderiam também aperfeiçoar o trabalho semanal (MACEDO, 2003).

Que os parques são espaços públicos que trazem grandes benefícios para o ambiente e para população urbana é fato aceito e difundido por toda sociedade e comunidade acadêmica. Contudo, contraditoriamente, o esforço para criar e promover a conservação desses espaços também é muito grande. Mesmo sendo criados para os fins anteriormente citados, tais objetivos só podem ser atingidos plenamente se a população se apropriar desses espaços para aquelas finalidades. Sem o envolvimento ou mesmo o conhecimento por parte da população, estes espaços tendem a ser desprezados e deixam de fazer parte do cotidiano, deixam de ser visitados.

Elemento essencial para o desenvolvimento do turismo, a paisagem é aspecto muito visado sendo um dos primeiros fatores de atração turística. Os recursos naturais, as manifestações culturais, a historicidade e a arquitetura são destaques na oferta turística. Porquanto os espaços urbanos são atraentes aos cidadãos e aos turistas devido ao fato de se constituírem por diversas estruturas, atividades, ambientes, entre outros, promovendo o bem estar e a socialização. A exploração turística de parques proporciona uma vivência mais rica dentro da cidade, despertando a valorização e compreensão da importância do ambiente

natural do lugar em que se vive.

É necessário compreender que os espaços urbanos destinados ao turismo, esporte e lazer dependem das políticas públicas, bem como de um planejamento municipal. O turismo concebido como não somente o deslocamento simples entre paisagens, mas sim o deslocamento do olhar, promovendo a chance de enxergar a mesma paisagem de diferentes perspectivas.

A atividade turística, neste caso, passa a ser acessível a todo e qualquer cidadão, seja morador ou não, uma vez que não se trata de abrir mão do planejamento da atividade, mas sim de direcioná-lo a atender as necessidades humanas, sociais e ambientais de nosso tempo, transformando o turismo em um instrumento de educação ambiental, tendo o parque urbano como ponto de partida.

A conservação de áreas construídas ou naturais está intimamente relacionada ao uso que a população faz desses espaços. Portanto, o planejamento e manejo de parques e outros espaços livres, devem ser realizados englobando os desejos e expectativas de seus frequentadores. Ao entrar em contato direto com a natureza, a partir do uso desses espaços, os visitantes desenvolvem sensações, percepções que permitem o surgimento de laços afetivos com o lugar.

Percepção Ambiental

Os estudos sobre percepção se tornam mais complexos na medida em que estamos lidando com diferentes subjetividades e as diversas dimensões dessa percepção nos farão compreender melhor os indivíduos e sua relação com o ambiente.

A partir da década de 60, os estudos sobre percepção são complementados com o termo ambiental, ou seja, dois substantivos que representam o modo como um indivíduo vivencia o ambiente e sua relação com o entorno, sejam eles físicos, psicossociais, socioculturais e históricos.

“A percepção é um dos mais antigos temas de especulação e pesquisa no estudo do homem [...] Estudamos a percepção numa tentativa de explicar nossas observações do mundo

que nos rodeia” (HOCHBERG, 1973 apud MARIN, 2008, p. 11).

Todos os lugares com os quais temos contato e passamos a conhecê-lo, seja por visitá-lo regularmente ou por conhecimento teórico, compõem informações para o nosso acervo de locais, sendo um tipo de banco de dados. No momento em que esses aspectos da realidade física são por nós internalizados, eles passam a ser extratos cognitivos (imagens mentais), mas não se reduzem a simples abstrações intelectuais.

As imagens são constituídas por meio das sensações imediatas e lembranças das experiências vividas. As pessoas não são meras observadoras do que se passa ao redor, mas a construção de imagens resulta da interação entre o observador e o ambiente.

Merleau-Ponty (1996), afirma que a cada instante nosso campo perceptivo é estimulado e a nossa interação com ele se dá a partir do ato de situá-lo no mundo. “A percepção humana é constituída por meio de um compromisso ético, ativo com o mundo e não somente como uma contemplação”. Portanto, somos seres pensantes, o que passa por nossos sentidos e consciência é julgado.

As interpretações e significados atribuídos pelas pessoas ao ambiente permitem compreender seus comportamentos perante o entorno. Garcia Mira (1997) confirma essa ideia quando afirma que aspectos físicos fazem parte de um espaço social que de alguma forma retrata os aspectos socioculturais próprios das pessoas nele inseridas. Desse modo, a maneira de ocupar e transformar sua materialidade estão ligados à natureza social dos comportamentos associados àqueles objetos do contexto físico.

A importância da percepção ambiental se dá, principalmente, por ser considerada a precursora do processo que desperta a conscientização do indivíduo em relação às realidades ambientais observadas.

Por ser um conceito em construção, a percepção ambiental possui várias dimensões psicossociais, entre elas podemos citar a cognição, que é o processo por meio do qual as pessoas criam imagens mentais. Uma terceira dimensão da percepção ambiental são preferências sobre o ambiente, as quais permitem determinar o grau de atratividade com os elementos do ambiente, seja de distanciamento ou de maior intimidade. (ITELSON, 1978 apud KUHNEN E HIGUCHI, 2011).

Conhecer como as pessoas percebem, vivenciam e valoram o ambiente em que estão inseridas é uma informação crucial para que os gestores de políticas públicas e de áreas afins possam planejar e atender as demandas sociais. Se entendermos como se dá a relação homem-ambiente pode-se compreender também a influência de um sobre o outro e obter perfis ambientais da população local. Por meio destes, torna-se possível realizar a manutenção e melhoria dos espaços dos parques de modo que haja um melhor aproveitamento dos mesmos, bem como sugerir programas e projetos de educação ambiental mais efetivos e direcionados. Ademais, as pesquisas de percepção ambiental podem ser consideradas pré-requisitos imprescindíveis para se promover maior conscientização ambiental, mesmo sabendo que compreender os campos da percepção não é tarefa fácil, pois envolve psicologia, filosofia, fisiologia, geografia, entre outros.

Metodologia

O estudo no Parque Ponte dos Bilhares teve um caráter de pesquisa qualitativa. A natureza da pesquisa qualitativa apresenta um nível de realidade o qual não pode ser quantificado. É frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados (NEVES, 1996).

Mesmo se tratando de uma pesquisa de caráter qualitativo, deve ser ressaltada a utilização do método quantitativo como instrumento de análise em algumas categorias, pois se considerou que o presente estudo não somente almejou descrever e interpretar a percepção ambiental de frequentadores do PPB, mas também, explicá-la como fator que permite o entendimento e a valorização da relação do homem com o meio ambiente. No dizer de Wildemuth (1993, p. 451 apud NEVES, 1996 p. 2), tais métodos (quantitativo e qualitativo) “não se contrapõem, na verdade complementam-se e podem contribuir, em um mesmo estudo, para um melhor entendimento do fenômeno analisado”.

A este estudo aplica-se a abordagem fenomenológica devido a esta fazer-se presente na percepção do que acontece e envolve a consciência. O sujeito individualmente



contextualizado encontra-se atento ao que o cerca, assim, fenômeno e sujeito são correlatos. A intenção da fenomenologia, segundo Gil (2011 p. 14), é “proporcionar uma descrição direta da experiência tal como ela é, sem nenhuma consideração acerca da sua gênese psicológica e das explicações causais que especialistas podem dar”.

Tratou-se de um estudo exploratório-descritivo, tendo em vista que o objetivo era proporcionar uma reflexão sobre a percepção ambiental dos frequentadores do referido parque. O estudo se caracterizou pelo uso de instrumentos de coleta de dados padronizados, sendo utilizada a técnica de entrevista, uma vez que se pretendia obter informações específicas.

Como defende Seltiz et al (1967, p. 273 apud GIL, 2011, p. 109), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada por ser bastante adequada para obter-se informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes. O roteiro de entrevista conteve tópicos que, em primeiro lugar, procuraram traçar o perfil do usuário (sexo, idade, escolaridade, procedência residencial). A seguir, estruturou-se um conjunto de 14 perguntas com o objetivo de realizar a análise qualitativa da relação frequentador-parque.

Outra técnica aplicada foi a observação não participante, o que possibilitou a aquisição de conhecimentos, porém, sem a interferência do pesquisador no fenômeno estudado. Esta técnica permitiu entender os fenômenos e oportunizou a identificação de problemas para serem propostas melhorias ao parque.

A Área de Estudo

O Parque Ponte dos Bilhares possui uma área de 60 mil metros quadrados e, está situado em meio a uma das áreas mais economicamente valorizadas e de grande importância para a cidade de Manaus: entre as avenidas Constantino Nery e Djalma Batista. Foi inaugurado em 24 de outubro de 2006 e é dividido em duas etapas (Figura 01), cada uma com

acesso pelas supracitadas avenidas. Ambas as etapas comunicam-se por meio de uma ponte metálica.

O parque oferece diversos equipamentos destinados ao entretenimento e à prática de exercícios físicos e esportes. É dotado de pista de *skate* e de patinação, lanchonetes, área de artesanato, teatro arena, *playgrounds*, lago artificial, relógio solar, pista de caminhada, cicloviárias, bebedouros, chuveiros, banheiros, estação de tratamento de esgoto, miniestação de energia e estacionamentos. O público praticante de atividades esportivas tem à sua disposição duas quadras poliesportivas, uma em concreto e outra de areia. Ao público infantil, além de *playgrounds*, é destinada uma biblioteca equipada com computadores conectados à internet e um acervo de livros infantis que visam além da inclusão digital das crianças que utilizam esse espaço, incentivar o hábito de leitura além de servir como espaço educativo e cultural.

A concepção arquitetônica do parque foi inspirada na época conhecida como *Belle Époque*, quando os bondes trafegavam pela cidade de Manaus e tinham a tradicional Ponte dos Bilhares (Figura 02) como última parada.

Durante o período de visitação do local para realização da pesquisa, notou-se que a infraestrutura da primeira etapa do PPB encontra-se em estado de abandono. Situações observadas tais como lâmpadas queimadas, gramado necessitando de poda, assoalho da área próxima ao lago com estrutura danificada levaram a esta conclusão.

O PPB apresenta um nível satisfatório de arborização. A valorização da presença do elemento arbóreo nas cidades é ressaltada por profissionais e teóricos do urbanismo. Estes o destacam como fonte de prazer aos olhos e de promoção de melhor ordenamento e contraste da forma pura da arte com a forma livre da natureza (FERREIRA, 2005). Portanto, quando agrupada em parques e jardins localizados no meio urbano, a arborização - se resultante de uma conservação adequada- proporciona qualidade de vida para quem vive nas cidades.

Com apenas seis anos de existência o parque já se consolidou como um dos principais pontos de encontro, espaço cultural e de lazer de Manaus. Amostras de cinema, de dança, peças teatrais, apresentações circenses e folclóricas, shows, oficinas educativas, realização de programas de educação ambiental são atividades desenvolvidas nele. O mesmo cria uma atmosfera que se tornou referência quando se trata de espaço público de lazer e descanso para

os seus frequentadores.



Fig. 01 Parque Ponte dos Bilhares Etapa 1 e Etapa 2
Fonte: Blog do Sarafa, 2009.



Fig. 02 Ponte Campos Salles, de ferro sobre o igarapé da
Cachoeira Grande, hoje Bilhares. Fonte: Blog do Coronel
Roberto, 2011.

Resultados e discussão

Conforme já citado anteriormente, as entrevistas tiveram como sujeitos cinquenta pessoas de ambos os sexos, com idades entre 18 e 65 anos, frequentadores e trabalhadores do parque que se encontravam no local no período em que a pesquisa de campo aconteceu (janeiro de 2012).

Ao analisar quantitativamente a amostra dos entrevistados, todos residentes em Manaus, foi concluído que grande parte dos visitantes do Parque Ponte dos Bilhares é formada por jovens entre 18 e 30 anos de idade, seguida por adultos e idosos. A maioria destes é composta por indivíduos do sexo feminino (60%) e grande parte possui o ensino superior incompleto (42%).

Quando questionados sobre os motivos que levaram os indivíduos a visitar o parque, as respostas mais recorrentes foram que o parque é agradável para passear com a família e amigos, praticar atividades físicas e trabalhar. Tuan (1983) declara que o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. Quando um espaço assume caráter representativo para quem o utiliza ou frequenta, este acaba por receber a conotação de lugar, pois se entende que foram estabelecidas ligações estreitas de afeto e interação. Estas

alegações podem ser confirmadas em algumas falas dos entrevistados como: “é um lugar que passa tranquilidade, sensação de liberdade”. “Venho porque é um lugar agradável para encontrar os amigos e praticar esportes” ou “aqui eu consigo reunir a família em um lugar seguro e agradável”. O parque também foi descrito como o local de trabalho de parte destes entrevistados.

Todos os entrevistados responderam que acreditam que seja de grande importância a existência de parques para a cidade. Outro quesito que possibilitou identificar a valorização da natureza por parte dos indivíduos e a noção do valor que ela representa na vida dos mesmos foi: “o que você entende por meio ambiente?”. Neste quesito a totalidade respondeu segundo a definição: “é o lugar onde os seres vivos (animais, vegetais e o homem) habitam e relacionam-se uns com os outros”. Refletiu-se, portanto, a visão globalizante do termo meio ambiente. Tal visão segundo Reigota (1991) entende a relação homem-natureza numa concepção de reciprocidade entre natureza e sociedade. Nela, meio ambiente é tido como o lugar determinado ou percebido onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação.

As questões “você acha que existem ou que você causa problemas no Parque? Quais problemas você pode apontar?”, “Você se sente incomodado com algum aspecto relacionado o meio ambiente dentro do Parque?” “Quem você acha que é responsável por estes problemas?”, objetivaram conhecer a percepção dos sujeitos entrevistados quanto aos problemas do parque e dos responsáveis por estes problemas apontados por eles.

Alguns reconheceram que eventualmente jogam resíduos no chão ou se esquecem de usar a lixeira, porém, nenhum entrevistado considerou que causa algum dano grave ao parque, e também grande parte alegou não se incomodar com nenhum aspecto relativo ao meio ambiente do Parque. Porém, alguns problemas foram elencados como incômodos. São eles: o mau cheiro exalado pelo riacho e os resíduos jogado no chão. Ao mesmo tempo em que nenhum entrevistado reconheceu causar danos ou problemas ao parque, posteriormente foi alegado que os resíduos sólidos encontrados no local ou o mau cheiro exalado pelo referido riacho (causado entre outras razões, pelo despejo de esgoto e efluentes diversos) são fatores de incômodo para os mesmos. Logo, é notório o distanciamento das pessoas quanto às

consequências que as suas atitudes podem acarretar ao meio ambiente.

Quanto a programas de educação ambiental, 86% dos frequentadores nunca participaram de algum programa de educação ambiental no parque, mas relataram que gostariam de participar se houvesse oportunidade. Ficou evidente a falta de programas e políticas públicas municipais de educação ambiental e sensibilização às questões ambientais voltados para a população frequentadora do parque. Acredita-se que o *lócus* deste estudo é um espaço bastante adequado para tais iniciativas.

Quando perguntados sobre quem acreditam ser os maiores responsáveis pelos danos ao parque, de acordo com as seguintes opções: “o governo”, “os frequentadores”, “os comerciantes” ou, “todos juntos”, 46% dos entrevistados responderam ser eles próprios: os frequentadores. Em segundo lugar, ficou a opção, “todos juntos” (44%), o que demonstra um reconhecimento de que a coletividade imputa responsabilidade própria, não se isenta. Em terceiro lugar, 8% dos entrevistados responderam que o governo é o maior responsável pelos danos ao parque, e, por fim a opção “os comerciantes” com 2%. Este quesito desperta discussões acerca da complexidade que envolve os bens públicos. O entendimento do que é público e do que é privado é complicado devido ao seu caráter coletivo e difuso. Eis o disposto no artigo 225, da Constituição da República Federativa do Brasil no que tange ao caráter difuso do bem público: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (BRASIL, 1988).

O meio ambiente é entendido como um instrumento de realização da cidadania e da dignidade da pessoa humana. Portanto, é assegurado por lei que todos possuem direito a um ambiente de qualidade, o que por sua vez, é dever de todos cuidarem do mesmo. A partir disso, entende-se que a conservação dos espaços do PPB implica em responsabilidade compartilhada, em que todos que usufruem dele estejam envolvidos e manifestem essa conduta por meio de atitudes concretas, como simplesmente não jogar resíduos no chão e/ou não depredar seus equipamentos.

As sugestões feitas pelos entrevistados para a melhoria do PPB refletem a necessidade

de mudanças de atitude por parte do órgão gestor do parque. As mais citadas foram: disponibilidade de um maior número de lixeiras assim como placas educativas.

O parque também precisa de manutenção e revitalização, pois alguns espaços estão em desuso devido às condições precárias. Outros aspectos foram citados como necessários: a melhoria na segurança (63,6%), um maior número de brinquedos para crianças menores de três anos (18%); melhoria da iluminação (9%) e maior espaço para ciclismo (9%). Sugestões feitas pelos entrevistados para a melhoria do PPB refletem a necessidade de mudanças de atitude por parte do órgão gestor do parque. É cada vez mais imperativo a adoção de medidas sustentáveis (seja reciclagem, educação ambiental, controle do uso da água ou outras medidas).

A última questão: “você observa contribuição do Parque para a melhoria da sua qualidade de vida?”, visou captar se os frequentadores observam se frequentar o Parque proporciona melhores condições para a sua vida. Os usuários responderam que o parque proporciona diversão, lazer e contato com a natureza, saúde física e mental. Trata-se de um lugar para estar com a família.

Verificou-se grande satisfação por parte dos visitantes por representar uma opção de lazer familiar, de acesso irrestrito para a população, e cuja sensação de paz e tranquilidade não podem ser encontradas em muitos outros lugares dentro da cidade. Os principais problemas apontados pelos entrevistados, entretanto, não minimizam sua satisfação em desfrutar da área como uma opção de lazer.

O parque como lugar para o lazer, diferenciado, representa uma pausa no tempo da cidade e na rotina de trabalho. Segundo Tuan (1983), o “lugar é uma pausa no movimento” e essa pausa “permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor”. A oportunidade de estar em contato com a natureza, em atividade ativa, passiva ou contemplativa faz a integração homem-natureza harmônica.

Estudos como este, além de entender a relação dos indivíduos com os espaços públicos de lazer, possibilitam orientar os administradores nas decisões com relação ao parque, de maneira a torná-lo mais atrativo e envolvente aos frequentadores.

Entende-se que somente com o conhecimento e desenvolvimento de processos



afetivos, provocados pelo uso e apropriação desses espaços, é possível formar atitudes e valores que permitam o envolvimento dos sujeitos com a solução dos problemas ambientais que são, antes de qualquer coisa, problemas humanos.

Considerações Finais

Inicialmente, os parques eram espaços utilizados pelas classes média e alta da sociedade, pois eram antigos jardins privados. Entretanto, ao se tornarem espaços públicos, houve uma socialização maior desses espaços, nos quais eram desenvolvidos jogos diversos entre distintas classes sociais.

O desenvolvimento dos movimentos ambientalistas, que se acentua nos dias atuais, relata a importância da educação ambiental para a formação do cidadão. Os parques urbanos seriam espaços destinados à construção de uma consciência ecológica, nos quais os cidadãos poderiam compreender os processos naturais por meio do contato direto com os elementos da natureza e utilizariam essas informações na conservação dos recursos e do ambiente urbano.

Ao envolver sentimentos, ideias, expectativas, interpretações e diversos outros fatores, a percepção neste estudo expressa o entendimento e a relação que a sociedade manauara apresenta acerca do Parque Ponte dos Bilhares.

A percepção dos entrevistados quanto à vulnerabilidade dos recursos ambientais do parque ficou evidente. Riacho poluído e acúmulo de resíduos sólidos foram aspectos desagradáveis bastante citados. A despeito disso, a visita e o apreço pelo mesmo não se encontram comprometidos até então.

A partir do que já foi exposto sobre a relação ser humano-ambiente, pode-se fazer um paralelo no que se refere ao uso dos espaços do Parque Ponte dos Bilhares. Os frequentadores que fazem um mau uso dos espaços, depredando das mais diversas formas, entre outras razões, certamente estão expondo o baixo nível de valorização, de falta identificação, de apego e/ou senso de não pertencimento ao espaço. O comportamento dispensado no local demonstra que tais indivíduos não apreenderam àquele espaço como um bem coletivo cuja finalidade é proporcionar lazer, descanso, distanciamento do estresse cotidiano entre outros



fatores de bem estar.

Verificou-se, também, grande satisfação por parte dos visitantes por representar uma opção de lazer familiar, de acesso irrestrito para a população, e cuja sensação de paz e tranquilidade não podem ser encontrados em muitos outros lugares dentro da cidade. Os principais problemas apontados pelos entrevistados, entretanto, não minimizam sua satisfação em desfrutar da área como uma opção de lazer. As áreas verdes aparecem como a natureza presente em meio às áreas construídas, e por este motivo, constituem-se em elementos de apreço da população.

Julga-se que o estudo da representação sobre o meio ambiente é um caminho para aquisição de conhecimento, interpretação e reflexão dos diferentes olhares, valores, interesses e práticas, uma vez que, o conhecimento das representações ajudaria na construção de uma prática educativa e gestora mais comprometida.

Almeja-se que o parque urbano não seja visto simplesmente como mais um recurso ou atrativo turístico da cidade, mas sim como um espaço no qual os visitantes devem ser recepcionados com programas e ações específicas, potencializando o lazer como instrumentos de educação social e ambiental, num ambiente que busca unir e equilibrar o natural, o sociocultural e o transformado.

Se o parque realmente é capaz de assumir também um papel compatível com a escola – o da educação-, por meio da orientação e sensibilização ambiental, o turismo pode vir a ser o veículo de comunicação, no sentido de servir tanto aos habitantes como os que não residem de forma a sensibilizar o maior número de pessoas possível. Para tanto, é fundamental que o acesso aos parques seja pensado como espaço de oportunidade de educação social e ambiental todos os dias.

A atividade turística assume, portanto, novas potencialidades além das econômicas. O turismo torna-se instrumento de irradiação de informações e conhecimentos relativos às novas possibilidades de interpretação do meio ambiente.

Por fim, sugere-se à administração municipal, dispensar atenção constante à gestão deste espaço, tendo em vista que parques são recursos capazes de aperfeiçoar as condições ambientais influenciando no padrão de qualidade de vida de quem o frequenta.



Referências

BLOG DO CORONEL ROBERTO Catando Letras e Escrevendo Histórias. As Pontes de Manaus. Disponível em: <<http://catadordepapeis.blogspot.com.br/2011/10/as-pontes-de-manauas-24.html>>. Acesso em: 12 de julho de 2012.

BLOG DO SARAFA. Parque Ponte dos Bilhares. Patrimônio abandonado da cidade. Disponível em: <<http://www.blogdosarafa.com.br/?p=4322>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2012.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Artigo nº 225. Capítulo VII – DO MEIO AMBIENTE. Brasília, 1988.

FERREIRA, A.D. Efeitos positivos gerados pelos parques urbanos: o caso do Passeio Público da cidade do Rio de Janeiro. (**Dissertação de Mestrado**). Universidade Fluminense, Niterói: RJ, 2005.

GARCIA MIRA, R. **La ciudad percebida**: una psicología ambiental de los barrios de A Coruña. Universidade de Coruña, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

KUHNEN, A.; HIGUCHI, M.I.G. Percepção Ambiental. In **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. CAVALCANTE, Sylvia. ELALI. (orgs) São Paulo: Editora Vozes. 2011, p.250 – 266.

MACEDO, S.B.; VENTURIN, Nelson; ANDRETTA, V.; AZEVEDO, F. C. S. **Pesquisas de Percepção Ambiental para o entendimento e direcionamento da conduta ecoturística em Unidades de Conservação**. Anais do II Encontro Interdisciplinar em Unidades de Conservação (EcoUC) / Congresso Nacional de Ecoturismo, Itatiaia, 2007. São Paulo: Instituto Physis - Cultura e Ambiente, 2007.

MARIN, A. A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. Pesquisa em Educação Ambiental, UFPR, Paraná vol. 3, n. 1, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NEVES, J.L. **Pesquisa Qualitativa**: características, usos e possibilidades. Caderno de Pesquisa em Administração, USP: São Paulo, vol. 1 nº 3, 2º SEM/1996.

NUCCI, João C. **Qualidade Ambiental e Adensamento Urbano**: um estudo de ecologia e planejamento da paisagem aplicado ao distrito de Santa Cecília (MSP). Humanitas FFLCH/USP: São Paulo, 2001.

REIGOTA, M. **Fundamentos Teóricos para a Realização de Educação Ambiental Popular**. Conselho Internacional de Educação de Adultos/ ICAE, Brasília: DF 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar. A perspectiva da experiência**. DIFEL: São Paulo, Rio de Janeiro, 1983.